

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

MUSEUS, GALERIAS E COLECÇÕES XV. COLECÇÃO CALCOGRÁFICA.

VITORINO, Pedro

Ano: 1937 | Número: 47

Como citar este documento:

VITORINO, Pedro, Museus, Galerias e Coleções XV. Coleção Calcográfica. *Revista de Guimarães*, 47 (3-4) Jul.-Dez. 1937, p. 221-227.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Museus, Galerias e Colecções

XV

Colecção calcográfica

A falta de catálogos ou de publicações dos nossos museus motiva que se ignorem ou esqueçam muitos dos objectos que êsses estabelecimentos de educação encerram.

Queixam-se os estudiosos (bem poucos êles são) e ainda algumas pessoas dotadas de espírito de curiosidade, da carência de catálogos elucidativos, coisa luxuosa que entre nós, em geral, não estamos habituados a ver. Às vezes, por excepção, depara-se-nos uma guia sumária, elemento esclarecedor capaz já de suscitar o nosso grato reconhecimento.

Simple na aparência, a factura de um catálogo não é emprêsa fácil, em certos casos, sem estudos prévios que só com tempo e constância podem fazer-se. Quando estes existem, o catálogo não oferece dificuldades de maior, visto quási se reduzir a um trabalho de coordenação, que com pequeno esforço pode ser empreendido. Dado o caso de os elementos basilares faltarem, então a tarefa alarga-se e complica-se, visto exigir investigação e estudo directo que compete aos especialistas experientes.

Por isso se tornam vantajosas para os museus as publicações periódicas que, sob a forma de "boletim" ou de "anais", registem a actividade técnica e científica dêsses estabelecimentos. Aí será fácil reunir materiais úteis para a elaboração de catálogos.

O boletim de um museu constitue um incentivo ao estudo para quem nêle trabalha, pelo esforço obri-

gado de produção, e permite aquilatar capacidades (muitas vezes erradamente apreciadas pelo público), tendo ainda a vantagem de divulgar a instituição, criar interesse por ela e atraír ofertas.

A acção educadora de uma publicação dêsse género é inequívoca: ao que o museu nos permite surpreender com os olhos, junta-se, como motivo complementar, o comento esclarecedor para o espírito.

*

* *

Logo que abriu o Museu Municipal do Pôrto, em 1852, visionou o seu director interino (e sem vencimento) Dr. Eduardo Allen, instituir os «Anais do Museu Municipal», destinados a tudo quanto dissesse respeito ao novo instituto, cujo papel na educação da capital do norte se augurava profícuo. O intento, mal compreendido pelos altos poderes camarários, não teve realização. O funcionário dedicado e estudioso, que pensasse em coisa mais útil...

Reconhecidas as vantagens que poderia oferecer-nos um Boletim da Biblioteca Pública e do Museu Municipal, dado o riquíssimo manancial de estudo que estes dois estabelecimentos portuenses encerram, a edilidade respectiva, em 1922, sugeriu aos dirigentes dos mesmos a ideia de tal publicação. Desta feita foram os funcionários que não julgaram a coisa útil... E o projectado Boletim esqueceu para sempre.

Em setenta anos, o progresso havido é digno de registo...

*

* *

À falta de lugar próprio, pois, valho-me dêste cantinho da acolhedora *Revista de Guimarães* para me referir a uma colecção recente do Museu Municipal do Pôrto.

Trata-se de uma série de gravuras em metal, não de provas obtidas no papel, mas das próprias chapas abertas em cobre. De uma colecção calcográfica, portanto.

A série consta de oitenta chapas.

Até 1934 apenas havia no Museu seis chapas gravadas, cinco com brasões da cidade do Pôrto de diferentes épocas (século XIX), e uma do *ex-libris* do Conde de S. Vicente, oferta dos Amigos do Museu feita em 1931.

Em Abril de 1934 resolvi oferecer ao Museu a minha colecção de chapas de cobre, gravadas, dos séculos XVIII e XIX, algumas com as assinaturas dos artistas, vários d'elles do Pôrto. Eram em número de setenta e duas, quasi tôdas constituídas por "registos de santos".

Depois o Museu recebia mais dois exemplares do género, o registo de S. Roque, da demolida capela do Souto, e o retrato do Duque de Bragança, dádiva do meu ilustre amigo Sr. Dr. Gaspar da Costa Leite.

Ultimamente a colecção ficou estacionária.

*

* *

O núcleo que me pertenceu, iniciado por meu Pai e por mim enriquecido lentamente, consoante a sorte das pesquisas, teve grande incremento com uma série adquirida há anos à família de um antigo impressor calcográfico chamado Guilherme, que morou na rua de Santa Ana, pouco antes falecido. O impressor Guilherme era cioso das suas chapas, transaccionando com certa dificuldade, como me disse o meu amigo Sr. Dr. Gaspar da Costa Leite, a quem devi a informação da existência e venda das mencionadas chapas. Esse impressor vivia dos parcos proventos da estampagem, em especial de registos de santos, cujos originaes calcográficos conservava na sua officina, onde os habituais fregueses, periodicamente, iam buscar as estampinhas para as festividades. Os modernos processos de estampagem, pela litografia e gravura química, aniquilaram pouco e pouco a sua pequena indústria, que, afinal, veio a morrer com êle. O velho Guilherme foi, creio, o último profissional de calcografia no Pôrto. Hoje, uma ou outra impressão do género que se faça, é só para satisfazer amadores.

Foi com certo alvoroço que vi na minha mão as seis dezenas de chapas (muitas outras e algumas de

carácter histórico tinham já desaparecido), e com alvoroço ainda maior que procedi à sua verificação.

Do resultado dêsse exame e dos juízos sugeridos direi a seguir.

*

* *

O que me preocupou desde logo foi a escolha de chapas com a indicação do autor. Apenas encontrei quinze, cinco das quais, de maior formato, se contam entre as melhores do grupo. Essas cinco chapas são: «S. dos Passos», subsc.: *Ventura S.^a inv. — Santos exc.* (270 X 174); «S. João Baptista», subsc.: *Ventura da S.^a inv. — Santos exc.* (270 X 177); «S. Sebastião. Martir», subsc.: *Ventura S.^a inv. — Santos exc. Porto* (281 X 191); «N. S. da Piedade», subsc.: *Ventura S.^a invent. — Santos exculp.* (266 X 175); «N. S.^a e S.^{ta} Anna», subsc.: *Ventura S.^a inv. — Santos exc. Porto* (274 X 173); a última gravura tem a indicação da censura: *Com l.^{ca} da R(eal) M(esa) da C(omissão) G(eral)*.

Ventura da Silva conta-se entre os discípulos do melhor gravador e desenhador do seu tempo, o portuense Joaquim Carneiro da Silva, de quem era sobrinho, segundo afirma Cyrillo. Natural é que também fôsse oriundo do Pôrto. Parece ter nascido em 1780. Êste artista, perito na arte do buril, tem o nome associado ao gravador portuense Santos em numerosos registos e trabalhos de feição religiosa, como verifiko nas gravuras que dêles possuo. Ambos exerceram a sua actividade no fim do século XVIII e princípios do século XIX, ignorando-se quaisquer dados biográficos que lhes respeitem.

O gravador Santos produziu imenso; mostra-se muito desigual no seu trabalho, o que nos leva a supor corresponder essa desigualdade a épocas diferentes, ou ainda a ter havido outro cultor da mesma arte com idêntico apelido, usado também sem a indicação do nome de baptismo.

Na minha colecção conto mais de uma centena de registos com a subscrição *Santos*, que às vezes aparece só, ou seguida de *f., fes., ex., exc., sc., sculp.* e vem sempre acompanhada da indicação *Porto*.

Um registo que possuo, «N. Senhora da Terra», tem esta subscrição: *An.^{to} Joaq.^m de Sz.^a Vas.^{cos} Dez.* — *Santos fez Porto*. Eis um outro colaborador do artista portuense. Na estampinha, meu Pai anotou: «E' do tempo das invasões francesas». De facto, o nome de António Joaquim aparece em estampas da época; uma delas, que representa a «Passagem da ponte d'Amarante pelos Francezes em dia 2 de Maio de 1809», está assim subscrita: *Ant.^o Joaq.^m dez e grav.* Este artista era natural de Amarante. A gravura de «N. S. da Terra» tem a particularidade de ser feita a ponteadão, processo mais expedito e económico de que Santos pouco uso fêz, pois só conheço outro registo seu, «S. Marçal», em que êle é aplicado, por sinal destituído dos efeitos agradáveis que essa modalidade de gravura nos pode dar.

Possuo um registo de «Santa Apelsonia», da Sé do Pôrto, com a subscrição: *A. dos Santos fec. Porto*; a gravura é má, denotando pouca certeza de buril. Atribuo-a a artista diferente.

As notas biográficas do gravador, ou gravadores, *Santos*, são ignoradas.

Com a assinatura dêste artista compreendiam-se no grupo que adquiri mais três chapas: «N. S. do Bom Despacho», subsc. *Santos f.*; «Nossa Senhora», subsc. *Santos sc.*; e «S. Christovão», subsc. *Santos — Porto*.

Assinadas, havia ainda mais sete.

«N. S. da Conceição de Porto Seguro», subsc. *Carv.^o f. Lx.^a*. Trata-se de Teotónio José de Carvalho, ao qual se pode assinalar a data de 1822 (vid. Ernesto Soares, *A Gravura Artística sobre metal*, Lisboa, 1933).

«Senhor dos Passos», subsc. *J. J. Soares grav.* Artista ignorado, possivelmente do Pôrto.

«S. Eufemia», subsc. *F. S. Neves fec.* Má gravura, que não honra o autor Francisco da Silva Neves (1769-1776), de quem conheço trabalhos muito sofríveis.

«S. Vicente», subsc. *J. M. da Silva*.

«N. S. das Dôres», subsc. *E. Souto*.

«S. Vicente, Martir», subsc. *Carn.^o grav.*

«S. Apelsonia V. M.», subsc. *Cout.^o*

Nada posso dizer dos quatro últimos artistas, que me parece terem pertencido aos meados do século XIX.

*

* *

Na colecção que ofereci ao Museu Municipal estão compreendidas várias chapas, estranhas ao núcleo indicado, das quais destacarei as que a seguir menciono.

«Estampa da Estatua Equestra de El Rey Nosso S. D. Jose Pr.^o», sem assinatura.

Senhor da Cana Verde. «Veneraçe na Mizericordia do Porto», subsc. *Francisco, retocou no Porto*. *Francisco* é um gravador portuense que trabalhou nos séculos XVIII e XIX, cujos dados biográficos se desconhecem. Há estampas assinadas *Francisco* e *Francisco Silva*. Nos exemplares da minha colecção cotejei as assinaturas dêstes nomes encontrando, respectivamente, para o primeiro: *Fran.^{co} fiz Porto, Fran.^{co} fec., Fran.^{co} a fiz em — o Porto, Fran.^{co} fec. — no Porto, Fran.^{co} fec. em o Porto, Francisco. á fec., Francisco. fec. no Porto, Francisco. fis. Porto, Francisco. sc., Francisco fect. Porto, Francisco. a f.;* e para o segundo: *Francisco. S.^a gravou, Fran.^{co} Silva fec. em o Porto, Francisco Silva. del. et sculp., Francisco. S.^a fiz — Santos exc. Porto. Francisco e Francisco Silva* são variantes de assinatura do mesmo gravador. Paleograficamente a letra é a mesma, notando-se a particularidade de o artista colocar um ponto depois do nome, mesmo quando êste não era em abreviatura. Foi também desenhador, como se vê, tendo colaborado com o gravador Santos. Exerceu a sua actividade no Pôrto. Nada mais se sabe. Pelos seus trabalhos verifica-se que as gravuras eram em geral boas, havendo uma ou outra menos cuidada. Por vezes associava o ponteadado ao buril.

Da gravura do «Senhor da cana verde», acima referida, conta a minha colecção duas provas, uma delas a sangüínea, que é um bellissimo exemplar, quer pela estampagem, quer pela conservação.

Virgem Maria. «Cujus animam gementem pertransivit gladius» — Ao Ex.^{mo} e R.^{mo} Monsenhor Lourenço Caleppi Arcebispo de Nisibi, e Nuncio Apostolico

junto da Real Corte Fidelissima D. — José Maria de Barros. Subsc. *Carlo Dolá pinx^t*. — *J. M. de Barros sculpt. sendo Disc. de F. Bartolozzi*.

No excelente estudo *Francisco Bartolozzi e os seus discípulos em Portugal* (Gaia, 1930), o Sr. Ernesto Soares, observa:

“Nenhuns dados biográficos conseguimos obter àcêrca dèste gravador. O próprio nome, foi-nos revelado pela estampa que representa a Virgem, e que adiante vai descrita.”

O autor alude à estampa que a chapa em referência reproduziu.

Prossequindo, o ilustre historiador da gravura portuguesa escreve:

“O único exemplar que conhecemos é o da S. M. S. (Sociedade Martins Sarmiento). E' uma formosa estampa a ponteadado e a talho doce que nos deixa supor haver nela muito da mão de Bartolozzi.”

“A chapa pertence à *col. P. V. R.*” (Pedro Vitorino Ribeiro).

A gravura vem reproduzida no livro *Colecção de estampas e índice de gravadores*, catálogo da Sociedade Martins Sarmiento, organizado pelo meu saúdoso amigo Coronel A. Tibúrcio de Vasconcelos, aparecido em 1931 (n.º 56 — (60) da Colecção).

Quando em meu poder, cedi a chapa para serem feitos alguns *reprints*, que hoje figuram em várias colleções.

*

* * *

Embora modesto, o grupo de chapas calcográficas que me foi possível obter, permitiu inaugurar no Museu Municipal uma nova secção que, se não tem a notabilizá-la a riqueza dos exemplares, com nomes de primeira categoria, possui contudo certo valor documental e artistico pelos gravadores aí representados, sob a forma mais legítima e próxima da invulgaridade.

PEDRO VITORINO.